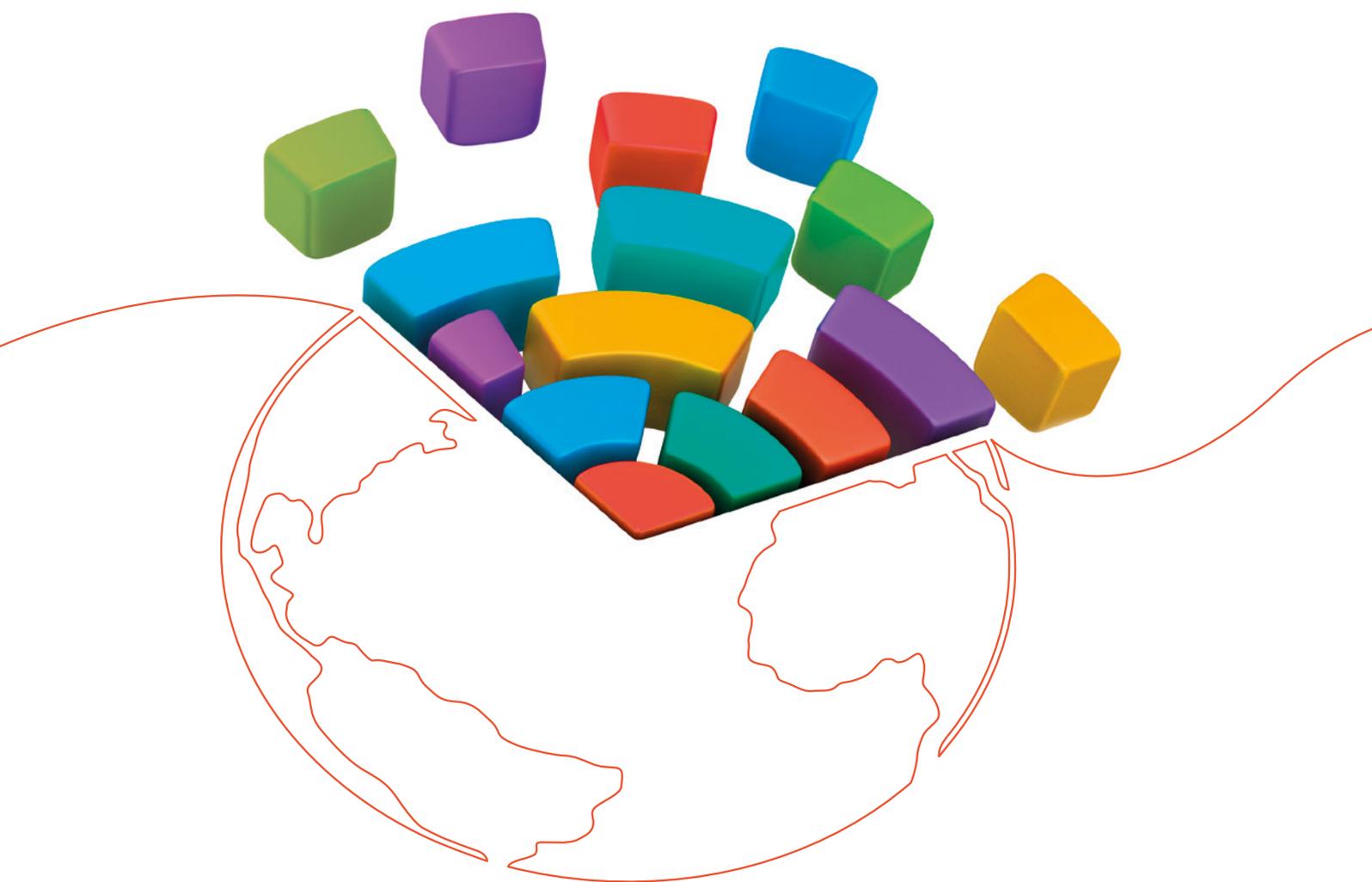


PERSPECTIVAS PARA A FILANTROPIA GLOBAL:

O Poder Transformador da Doação da Classe Média

Agosto de 2017



Conteúdo

Sobre a Charities Aid Foundation	3
Sobre o IDIS	3
Sumário Executivo	4
A polaridade da riqueza está mudando	8
A ascensão à classe média	10
A importância da doação da classe média	13
Quantificando o potencial de doação da classe média	16
A necessidade urgente de impulsionar uma cultura de doação	18
Recomendações para o crescimento do engajamento em massa para doação às OSCs	22
Um olhar sobre a realidade brasileira	27

Sobre a Charities Aid Foundation (CAF)

A Charities Aid Foundation (CAF) é uma das mais proeminentes organizações internacionais da sociedade civil (OSC). Com nove escritórios em seis continentes, a CAF Global Alliance auxilia pessoas e empresas a apoiar instituições sociais em mais de 100 países em todo o mundo. Nossa missão é motivar a sociedade a doar com crescente eficácia e ajudar a transformar vidas e comunidades ao redor do mundo. Trabalhamos para estimular a filantropia, o investimento social e o uso eficaz de fundos de doação ao oferecer uma variedade de serviços financeiros especializados para instituições sociais e doadores, e ao defender um ambiente favorável de políticas públicas.

Para mais informações:

Adam Pickering

International Policy Manager,
Giving Thought
Charities Aid Foundation

Sobre o IDIS

Fundado em 1999, o Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), pioneira no apoio técnico ao investidor social no Brasil. Facilita o engajamento de pessoas, famílias, empresas e comunidades em ações sociais estratégicas transformadoras da realidade, contribuindo para a redução das desigualdades sociais no país. Com a missão de apoiar o investimento social privado para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e sustentável, o IDIS atua de duas formas: desenvolvendo ações proativas e atendendo demandas de apoio técnico de empresas, fundações, institutos e indivíduos.

Para mais informações, visite idis.org.br/

Copyright © Charities Aid Foundation 2017

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem a prévia autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

Sumário Executivo

A sociedade civil encontra-se em um ponto de inflexão. A próxima década verá bilhões de pessoas saindo da pobreza e o surgimento, em economias emergentes do Hemisfério Sul, de uma ampla parcela da população aspirando a pertencer à classe média. Se as condições adequadas forem estabelecidas, essas pessoas podem se tornar a força motriz por trás da melhoria global das perspectivas da sociedade civil, ajudando-a a enfrentar questões prementes dos dias de hoje. Este relatório detalha o enorme potencial desse engajamento e constata que, caso as classes médias do mundo todo dediquem, em 2030, apenas 0,5% de seus gastos para doações, o valor doado totalizará a impressionante cifra de US\$ 319 bilhões por ano para causas sociais. No entanto, também identificamos algumas barreiras que precisam ser superadas se não quisermos desperdiçar essa oportunidade única. Finalmente, o relatório faz uma série de recomendações sobre como esse objetivo pode ser alcançado.

O projeto Future World Giving (FWG) da Charities Aid Foundation (CAF), implementado de 2012 a 2016, baseou-se em pesquisas novas e existentes para identificar o que os governos poderiam fazer para incentivar mais pessoas a doar. O relatório inicial do projeto, *Unleashing the potential of Global Philanthropy (Desencadeando o Potencial da Filantropia Global)*¹ procurou quantificar o alcance da crescente filantropia global através da análise das tendências e projeções econômicas e demográficas. O documento identificou uma lacuna no pensamento contemporâneo sobre o potencial de uma crescente classe média se engajar em doações e fomentar o desenvolvimento de uma sociedade civil local, responsável e dotada de recursos, que possa ser a chave para o desenvolvimento sustentável e equitativo. O presente relatório fornece uma atualização aprofundada dessa pesquisa e, simultaneamente, lança uma nova campanha – *Groundwork for Growing Giving (O Poder Transformador da Doação da Classe Média)* – para desenvolver a infraestrutura de doação necessária para o engajamento em massa de doações em todo o mundo. O projeto identifica os seguintes temas fundamentais:

Temos uma oportunidade única para criar uma cultura global de doação

Estamos vivendo em meio à maior transição da pobreza para uma relativa fartura na história da humanidade. Projeções feitas pelo Brookings Institute sugerem que até 2,4 bilhões de pessoas poderiam pertencer à classe média em 2030 e que seus gastos poderiam quase duplicar dos atuais US\$ 34 trilhões para US\$ 64 trilhões no mesmo período. No entanto, o futuro seria muito mais brilhante se essa nova geração ascendente abraçasse uma cultura de doação. Se esse novo grupo aspirante à classe média dedicasse apenas 0,5% de seus gastos para causas sociais – aproximadamente o mesmo que a média de doação das pessoas na Coreia do Sul e pouco mais de um terço do que as pessoas doam nos EUA – isso geraria impressionantes US\$ 319 bilhões por ano em recursos para organizações da sociedade civil (OSCs).

A grande maioria dessa população ascendente vive em países de renda média e média-baixa em rápido crescimento. Entretanto, embora a doação esteja aumentando em muitos desses países, é preciso fazer muito mais para catalisara essa evolução e garantir que ela seja sustentável.

Precisamos nos concentrar no engajamento em massa no ato de doar

Os países ocidentais com sociedades civis estabelecidas registram taxas elevadas de doação em todos os níveis da sociedade. Na verdade, em alguns casos, os menos ricos doam uma proporção maior de sua renda disponível. Isso gera a expectativa de que os ricos deveriam doar mais. No entanto, muitas vezes, tendemos a impor uma abordagem de cima para baixo quando olhamos para os países muito ricos como ponto de partida óbvio para gerar recursos para a sociedade civil dos países emergentes **A realidade é que, sem uma cultura generalizada de doação, os países deixam de ter o contrato social necessário para induzir a doação dos mais ricos.** A solução é priorizar o engajamento em massa. Isso também traz a vantagem de garantir que a sociedade civil reflita a diversidade e o apoio local.

¹ Pickering, A. (2013). "Future World Giving: Unlocking the Potential of Global Philanthropy". Charities Aid Foundation <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2013-publications/future-world-giving>

O desenvolvimento sustentável não pode ser alcançado sem contar com o apoio da sociedade civil

O desenvolvimento sustentável não pode ser alcançado sem uma sociedade civil forte, vibrante e apoiada localmente, que possa expor o abuso, responsabilizar os políticos, gerar e proporcionar uma válvula de escape para o surgimento construtivo de dissidências sociais. A construção de uma cultura inclusiva de doação local ajuda não apenas a fornecer os recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como assegura que o setor público se envolva no projeto, forneça mecanismo de responsabilização e ajude a atingir o Objetivo 16: “Promover sociedades justas, pacíficas e inclusivas”.²

Precisamos construir a confiança na sociedade civil para incentivar a doação

Estamos passando por uma crise global de confiança nas instituições. A sociedade civil é, simultaneamente, uma vítima dessa tendência e uma ferramenta fundamental para enfrentá-la. A forma como o status legal é concedido às OSCs, sua regulamentação e o acesso a essas informações têm um impacto determinante no nível de confiança pública e, portanto, no envolvimento com a sociedade civil. O trabalho de fomentar continuamente as melhorias nesse sistema e, ao mesmo tempo, educar as OSCs e os doadores sobre a governança, é crucial. Portanto, é essencial aumentar o financiamento para esse trabalho, preferencialmente através de OSCs locais ou organizações de apoio.

A independência da sociedade civil precisa ser assegurada pelo apoio local

A sociedade civil pode desempenhar um papel importante ao atuar como um ‘amigo exigente’ do governo. No entanto, sem proteção legal e sem direitos e liberdades cuidadosamente definidos para as OSCs, não há garantia de que o governo atual ou futuro não intervenha para pôr fim às críticas e silenciar a sociedade civil. Assim, é preciso trabalhar tanto para a construção da compreensão do valor da voz da sociedade civil para a boa governança, quanto para construir uma estrutura legal que gere expectativas, direitos e obrigações adequados para ambos os lados do relacionamento. Embora isso seja importante, a chave para proteger a sociedade civil dos ataques é simplesmente aumentar o nível de apoio local comprometido e envolvido com as OSCs, mais do que qualquer outra medida.

É preciso fazer mais para motivar e incentivar os doadores

Os incentivos ou alívios fiscais deixam claro para as pessoas aquilo que o Estado considera de interesse público que justifique abrir mão da receita. Assim, todos os países com uma forte cultura de doação oferecem incentivos fiscais que ajudam a estimular a doação de dinheiro para causas sociais. No entanto, a forma como os incentivos são concedidos, o processo para reivindicá-los, a progressividade do sistema e sua complexidade têm influência sobre o quanto a generosidade que motivam supera o seu custo para o Estado em termos de perda de receitas (elasticidade-preço). Portanto, fazer pesquisas, trabalhar com os governos para melhorar os sistemas de incentivos, oferecer serviços para tornar o processo mais direto e educar os doadores e as OSCs são ações cruciais para a construção de uma cultura de doação.

A filantropia e as doações internacionais precisam pensar em termos locais

Para operar ou conceder subvenções no mundo em desenvolvimento, os governos provedores diretos de ajuda, bem como os financiadores filantrópicos, precisam ir além do financiamento de grandes organizações internacionais não governamentais (OINGs). Na verdade, até mesmo o financiamento direto às entidades executoras locais pode não oferecer o máximo impacto, em comparação com um modelo baseado em doações locais, que se intensifica com (e ajuda a ampliar) o crescimento

² Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um conjunto de 17 objetivos e metas associadas que se baseiam no sucesso dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, incluindo novas áreas como mudanças climáticas, desigualdade econômica, inovação, consumo sustentável, paz e justiça, entre outras prioridades.

econômico. Assim, as agências de fomento devem – tanto para resultados ideais de desenvolvimento quanto para valorizar o dinheiro do contribuinte e criar um legado mais duradouro - financiar atividades que buscam melhorar o ambiente para a doação. Ao encerrar o financiamento para um determinado país, as agências de fomento devem ter como objetivo deixar um ambiente legal favorável através de assistência técnica, e também uma infraestrutura de filantropia e órgãos de apoio à filantropia que possam dar continuidade a esse trabalho. Um financiamento de transição deve ser utilizado para assegurar que isso ocorra.

Principais recomendações

Este relatório faz uma série de recomendações que visam a promoção de uma cultura global de doação. Segue um resumo de nossas principais recomendações:

Os financiadores internacionais devem:

1. Financiar a expansão e reequipar organizações de infraestrutura;
2. **Financiar organizações locais diretamente** para melhorar a prestação de contas e a eficiência de suas ações;
3. Reconhecer a importância de **ajudar as instituições locais a construir um apoio interno sustentável** e financiá-las adequadamente.

Os governos devem:

4. Garantir que as organizações da sociedade civil sejam **regulamentadas de maneira justa, consistente e clara**;
5. **Facilitar a doação individual** e oferecer incentivos à doação onde for possível;
6. **Promover a sociedade civil** como uma voz independente na vida pública e **respeitar o direito** das organizações da sociedade civil de falar sobre questões importantes.

As organizações da sociedade civil devem:

7. **Garantir a boa governança e serem honestas sobre o impacto que provocam**, para construir a confiança pública;
8. **Envolver significativamente as comunidades locais na tomada de decisões** para que elas detenham o controle sobre a sociedade civil;
9. Reconhecer e **se apoiar em formas tradicionais de doação** para criar organizações e uma cultura de doação que trabalhem para valorizar os pontos fortes do contexto local.

A campanha *Groundwork for Growing Giving* (O Poder Transformador da Doação da Classe Média) da CAF tem como foco a implementação dessas recomendações. Para saber mais sobre a campanha, visite o endereço <https://www.cafonline.org/about-us/campaigns-and-public-affairs/groundwork-for-global-giving> (conteúdo em inglês).

A polaridade da riqueza está mudando

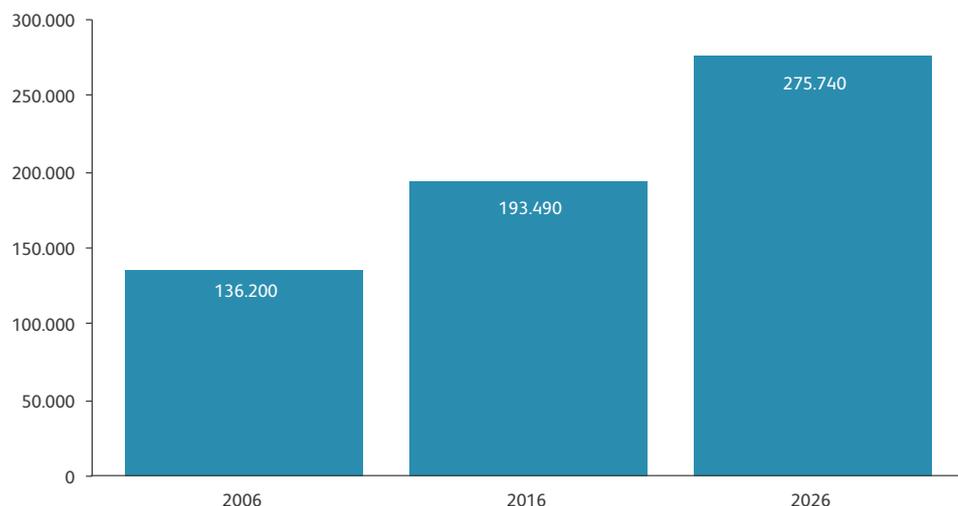
Estima-se que até 2050, seis das sete maiores economias no mundo cairão no ranking e serão classificadas como o que hoje consideramos economias emergentes. A previsão aponta para a China em 1º lugar, a Índia em 2º, e a Indonésia, que atualmente não consta entre as 10 maiores, em 4º lugar, virando do avesso o legado da ordem econômica do século XX.³ De fato, de acordo com a consultoria PwC, os principais mercados emergentes (E7) podem crescer, em média, cerca de duas vezes mais rápido do que as principais economias avançadas (G7).⁴

A história da geração de riqueza global está, talvez, em seu capítulo mais interessante até agora. Nos últimos 40 anos, o mundo, como um todo, se tornou mais rico e menos desigual, alimentado, em grande medida, pela ascensão do sudeste asiático como uma potência econômica.

No entanto, a história da desigualdade dentro das nações é um pouco diferente. Em grande parte do mundo desenvolvido, a primeira metade do século XX assistiu à redução do abismo entre ricos e pobres. Mas, desde a década de 1980, o 1% mais rico tem alcançado uma participação cada vez maior no PIB em países como os Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Irlanda e Austrália⁵, com a proporção da riqueza que fica na “camada média” diminuindo de 62% para 45% nos EUA, nos últimos 40 anos, por exemplo.⁶ Motivadas pela competição global por investimentos, muitas economias emergentes estão aproveitando seus custos menores de mão de obra, governos mais ágeis e ambientes regulatórios mais permissivos para oferecer benefícios fiscais generosos e baixas taxas de tributação em geral. Isso leva a uma explosão de riqueza, mas também alimenta a desigualdade.

Entre 2006 e 2016, a quantidade de indivíduos com patrimônio líquido ultra-alto (UHNWI, na sigla em inglês)⁷ cresceu globalmente 42%, de 136.200 para 193.490. Esse crescimento deve se manter, com a Knight Frank estimando que entre 2016 e 2026, a quantidade de UHNWI crescerá mais 43%, atingindo 275.740.⁸ Hoje, por exemplo, apenas oito homens possuem a mesma riqueza que 3,6 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da humanidade.⁹

Fig. 1 – População de UHNWI em todo o mundo



Fonte: Wealth Report 2017, Frank Knight.¹⁰

3 Price Waterhouse Cooper (2016), "The World in 2050: The long view: how will the global economic order change by 2050". [acessado em junho de 2017] Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/issues/economy/the-world-in-2050.html>

4 Price Waterhouse Cooper (2016), "The World in 2050: The long view: how will the global economic order change by 2050". [acessado em junho de 2017] Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/issues/economy/the-world-in-2050.h>

5 Roser, M (2017) – "Global Economic Inequality". Publicado online em OurWorldInData.org. Recuperado de: <https://ourworldindata.org/global-economic-inequality> [Online Resource]

6 Pew Research Center (2012), "Fewer, Poorer, Gloomier: The Lost Decade of the Middle Class"

7 As pessoas de patrimônio líquido ultra-alto (Ultra-High Net Worth) são definidas como tendo um patrimônio líquido superior a US\$ 30 bilhões.

8 Frank Knight (2017), "The Wealth Report: The global perspective on prime property and investment".

9 Oxfam (2017), "5 shocking facts about extreme global inequality and how to even it up". [acessado em junho de 2017]

Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/even-it/5-shocking-facts-about-extreme-global-inequality-and-how-even-it-davos#sthash.p0Km5cyS.dpuf>

10 Ibid

A tendência histórica da renda do trabalho representar uma proporção cada vez menor da produção econômica, em comparação com a renda do capital, tem se mostrado evidente desde que dados comparativos ficaram disponíveis para muitos países na década de 1970. Entre 1975 e 2012, 42 dos 59 países analisados mostraram essa tendência, com apenas nove apresentando um aumento da parcela do trabalho na renda.¹¹ Alguns economistas, com destaque para Thomas Piketty, argumentam que essa tendência provavelmente se manterá, com base em uma análise histórica do desempenho do capital que conclui que o capital supera em muito as taxas de crescimento econômico mais elevadas.¹² Isso tem levado instituições, normalmente economicamente liberais, a alertar sobre as possíveis consequências da crescente desigualdade. Por exemplo, o Fundo Monetário Internacional afirmou que a desigualdade deve ser combatida não apenas por ser “indesejável eticamente, mas também porque o crescimento resultante pode ser baixo e insustentável.”¹³

Fig. 2 – Curva da incidência do crescimento global, 1988 - 2008 (por percentil)

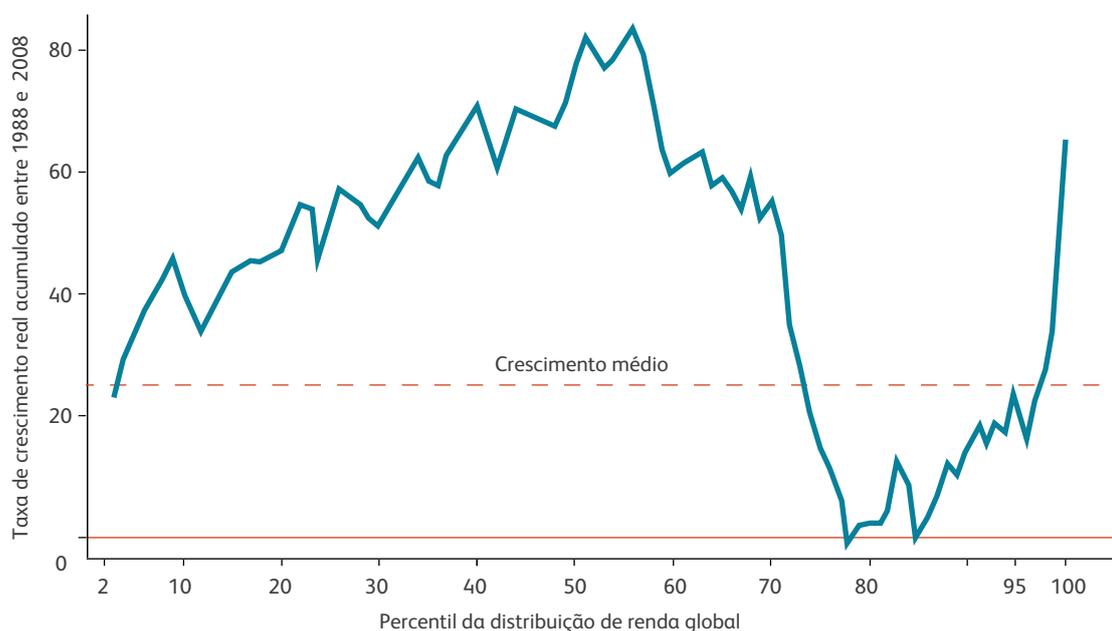


Gráfico extraído do trabalho de Branko Milanovic¹⁴

No entanto, embora a desigualdade certamente seja uma questão premente, também é preciso reconhecer que a história mais impressionante sobre a geração de riqueza global, no mundo de hoje, é a ascensão da classe média. Como mostra a Fig. 2, enquanto a população de renda média-alta do mundo tem visto o rendimento estagnar, os que estão nos percentis inferiores, e especialmente nos percentis médios, têm passado por um enorme e impactante expansão.

11 Karabarbounis, L & Neiman, Brent (2013), "The Global Decline of the Labor Share", *The Quarterly Journal of Economics* (2014), 61-103, Oxford University Press.

12 T. Piketty (2014), *O capital no século XXI*, São Paulo, Editora Intrínseca.

13 Ostry, J. D, Berg, A, e Tsangarides C. G, (2014), "Redistribution, Inequality, and Growth", Fundo Monetário Internacional.

14 Milanovic, B (2015), "Trends in global income inequality and their political implications" [slides da conferência] LIS Center; Graduate School City University of New York

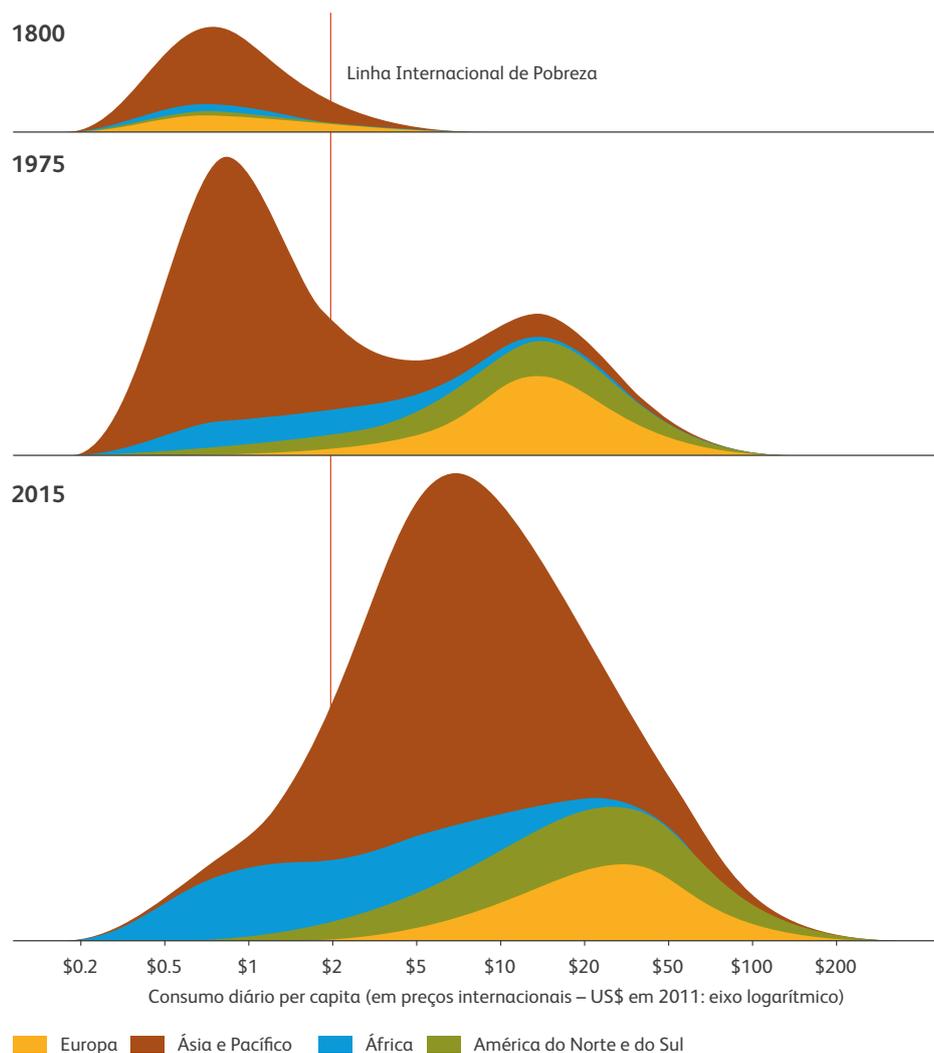
A ascensão à classe média

Na escala global, indiscutivelmente a história mais impressionante dos últimos 40 anos não é a da globalização, dos conflitos ou do avanço tecnológico, mas a da ascensão de bilhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza e, finalmente, entraram para a classe média. Conforme demonstrado por Max Roser e One World in Data, na Fig. 3, a humanidade superou o gráfico em “duas corcovas” das décadas de 1970 e 1980, que era caracterizado por uma pequena parcela da população no mundo desenvolvido passando por rápido crescimento econômico, enquanto a população mundial na parte “traseira” do gráfico permanecia abaixo da linha da pobreza. Em 2015, o mundo retornou a uma formação de corcova única, com a riqueza começando a ficar mais próxima dos modelos de distribuição normal. Surpreendentemente, no processo de retorno à distribuição normal de riqueza, o mundo todo ficou mais rico, com uma grande quantidade de pessoas entrando na classe média global.

Fig. 3 – Distribuição de renda global em 1800, 1975 e 2010

A renda é medida pelo ajuste das mudanças de preços ao longo do tempo e das diferenças de preços entre países (ajuste pela Paridade do Poder de Compra - PPP).

Essas estimativas baseiam-se em contas nacionais reconstruídas e em medidas de desigualdade dentro do país. Leva-se em conta a renda fora da economia de mercado (por exemplo, através de produção doméstica, como a agricultura de subsistência).



Fonte: Gapminder. A visualização desses dados aparece no site da Our World In Data.¹⁵

Esse enorme crescimento na renda da classe média ocorreu em grande parte nas economias emergentes. Ao contrário do que tradicionalmente se pensava, não aconteceu nas economias ocidentais ou avançadas – uma distinção que em breve parecerá anacrônica (se já não for).

O relatório de 2013 da CAF, *Unlocking the potential of global philanthropy* (Destravando o potencial da filantropia global)¹⁶, utilizou dados de projeção de um relatório preparado por Homi Kharas¹⁷, sobre a provável elevação nos gastos de pessoas da classe média até 2030, para estimar o valor potencial das doações nesse grupo, caso se igualasse à proporção doada atualmente em determinados países. A pesquisa de Kharas funciona particularmente bem porque utiliza uma definição de classe média que não inclui famílias consideradas ricas em nações pobres e nem as que seriam consideradas pobres em nações ricas.¹⁸ Em 2017, Kharas publicou uma atualização de sua projeção¹⁹, que nos permite usar como exemplo.

Tabela 1 – Gastos pela classe média global (PPP, a preços constantes de 2011 em US\$ bilhões e participação)

	2015		2020		2025		2030	
	#	Partic.	#	Partic.	#	Partic.	#	Partic.
América do Norte	6,174	18%	6,381	15%	6,558	13%	6,881	11%
Europa	10,920	31%	11,613	27%	12,159	23%	12,573	20%
América do Sul e Central	2,931	8%	3,137	7%	3,397	7%	3,630	6%
Ásia Pacífico	12,332	35%	18,174	43%	26,519	51%	36,631	57%
África Subsaariana	915	3%	1,042	2%	1,295	2%	1,661	3%
Oriente Médio e Norte da África	1,541	4%	1,933	5%	2,306	4%	2,679	4%
Mundo	34,814	100%	42,279	100%	52,234	100%	63,854	100%

A Tabela 1 mostra dados das projeções de Kharas atualizados para 2017, sobre a elevação dos gastos da classe média. Ela revela que suas projeções de 2010 não só foram cumpridas, como superadas, com os valores reais de 2015, no novo relatório, quase atingindo as projeções de 2020 na pesquisa de 2010. Em função disso, a projeção para os gastos da classe média global em 2030 foi revisada para cima, passando de US\$ 56 trilhões para US\$ 64 trilhões – quase o dobro de 2015.

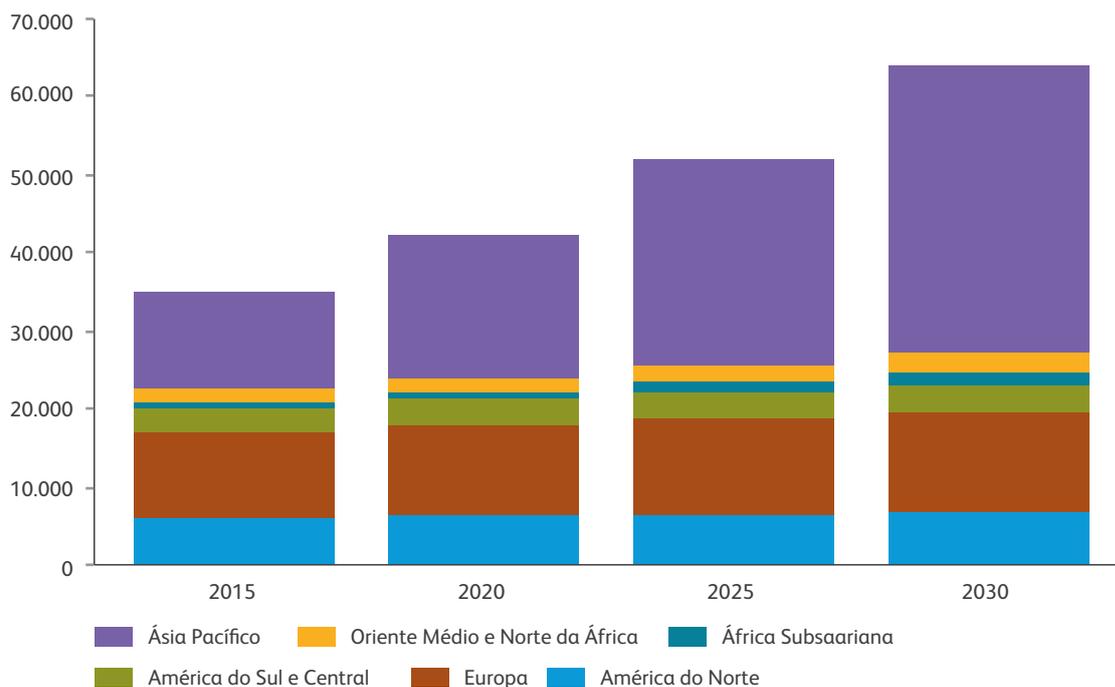
16 Pickering, A. (2013), "Future World Giving: Unlocking the Potential of Global Philanthropy". Charities Aid Foundation <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2013-publications/future-world-giving>.

17 Kharas, H. (2010), "Working Paper No. 285, The Emerging Middle Class in Developing Countries", Centro de Desenvolvimento da OCDE.

18 A classe média é definida na pesquisa de 2010 como famílias com renda per capita diária entre US\$ 10 e US\$ 100 em termos de PPP. Isso foi atualizado na pesquisa de 2017 para refletir a inflação, passando para US\$ 11 e US\$ 110, respectivamente.

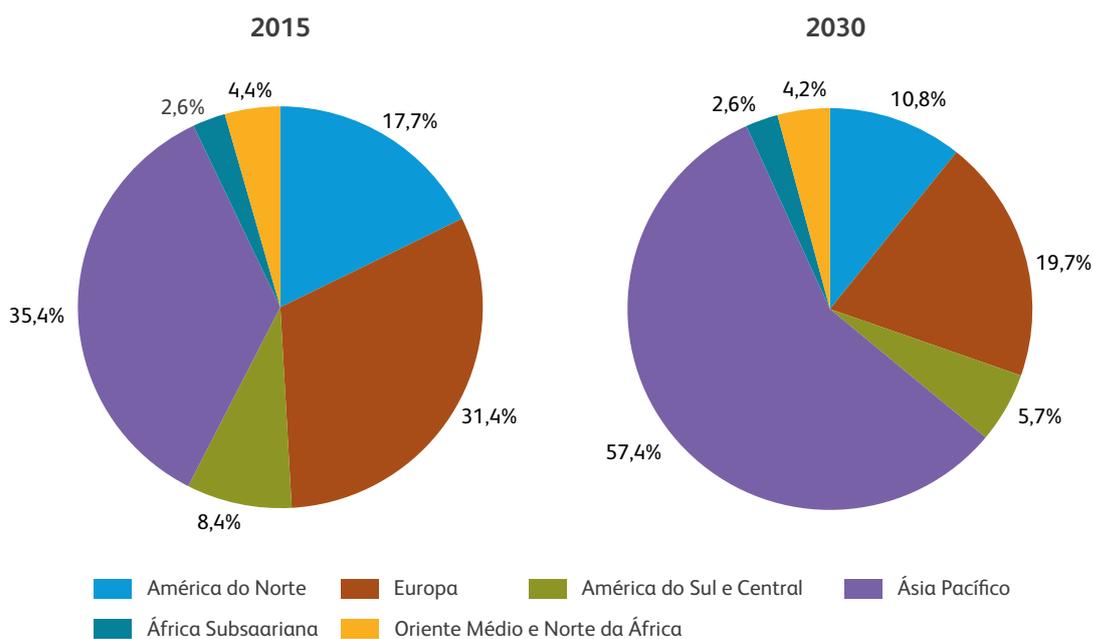
19 Kharas, H. (2017), "The unprecedented expansion of the global middle class: an update". Brookings Institute.

Fig. 4 – Crescimento projetado dos gastos da classe média em (US\$ bilhões)



Como claramente pode ser visto nas Fig. 4 e 5, um montante considerável dessa nova riqueza da classe média – 88% dela – será gerado na região Ásia Pacífico. O rápido crescimento da riqueza na região, e na China especificamente, mostra que, em 2015, ela era o lar de 35% das famílias de classe média do mundo. Em 2030, será o lar de mais da metade (57%). Estamos passando por uma clara mudança na polaridade da riqueza do Noroeste para o Sudeste, na medida em que milhões de pessoas migram de um estilo de vida de subsistência para o de renda discricionária.

Fig. 5 – Localização da riqueza da classe média

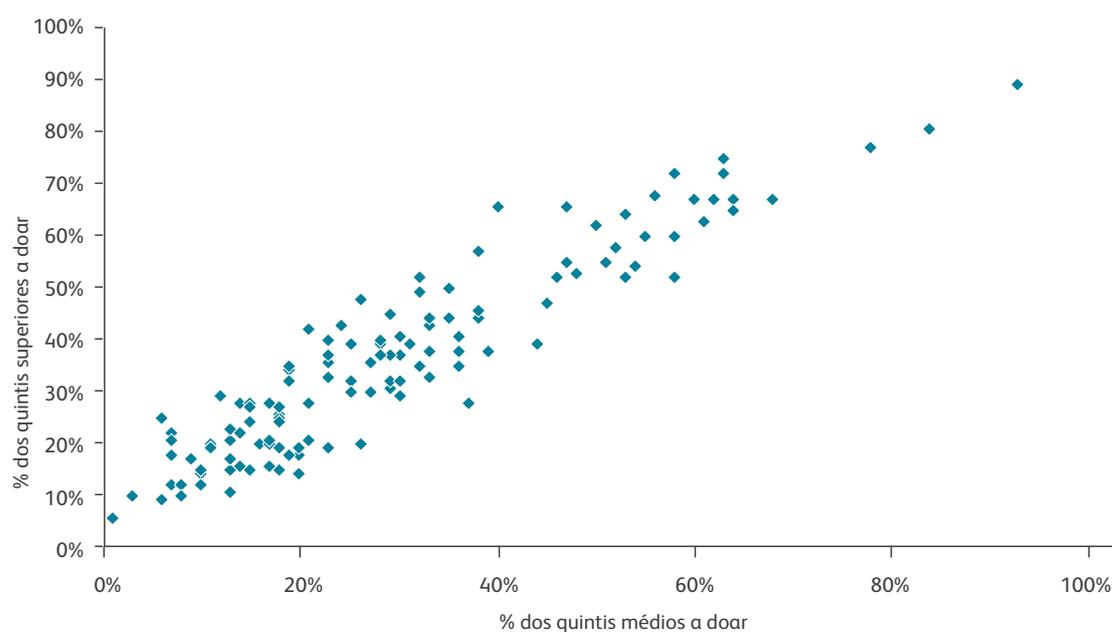


A importância da doação da classe média

Quando se pensa em motivar pessoas de economias emergentes em rápido crescimento a doar, há uma tendência em focar nos indivíduos com patrimônio líquido alto e ultra-alto (HNWIs e UHNWIs, nas siglas em inglês). Avaliar a tendência de doação das HNWI é notoriamente difícil. Em primeiro lugar, muitos doadores ricos preferem não divulgar suas doações, o que significa que os dados são, invariavelmente, apenas um retrato aproximado das doações. Em segundo lugar, um pequeno número de doações extremamente grandes pode distorcer enormemente o conjunto de dados. *Por exemplo, o Coutts Million Dollar Donor Report 2016 (Relatório Coutts de Doadores de Milhões de Dólares de 2016)* observou que o valor total das doações acima de US\$ 1 milhão cresceu de US\$ 894 milhões em 2014 para US\$ 34 bilhões, graças a uma promessa de US\$ 32 bilhões do príncipe saudita Alwaleed Bin Talal Bin Abdulaziz Alsaud. Claramente, portanto, a tendência de doação nessa faixa demográfica deve ser vista com algum ceticismo.²⁰ Apesar dessas barreiras metodológicas, podemos dizer, com segurança, que a filantropia dos cidadãos mais ricos do mundo é significativa e tem a capacidade de provocar transformações em escala.

Focar nesses indivíduos mais ricos parece lógico à primeira vista, por uma série de razões. Em primeiro lugar, em sociedades geralmente muito desiguais, essas pessoas podem ser vistas como os primeiros alvos, pois uma quantidade relativamente pequena de doadores ricos pode gerar grandes somas de dinheiro filantrópico. Além disso, muitos apontariam exemplos na história dos países com tradição filantrópica estabelecida há muito tempo, nos quais empreendedores pioneiros popularizaram a doação através de atos públicos de generosidade, e são considerados os catalisadores da criação da cultura de doação. No entanto, um olhar mais aprofundado indica que, ao concentrar energias apenas em incentivar os ricos a se envolverem em filantropia nos mercados emergentes, perde-se uma grande oportunidade. Na verdade, evidências parecem sugerir que incentivar o envolvimento em massa de doações proporcionaria um resultado melhor.

Fig. 6 – Relação entre a proporção de quintis médio e superior por distribuição de renda que doaram no mês anterior.

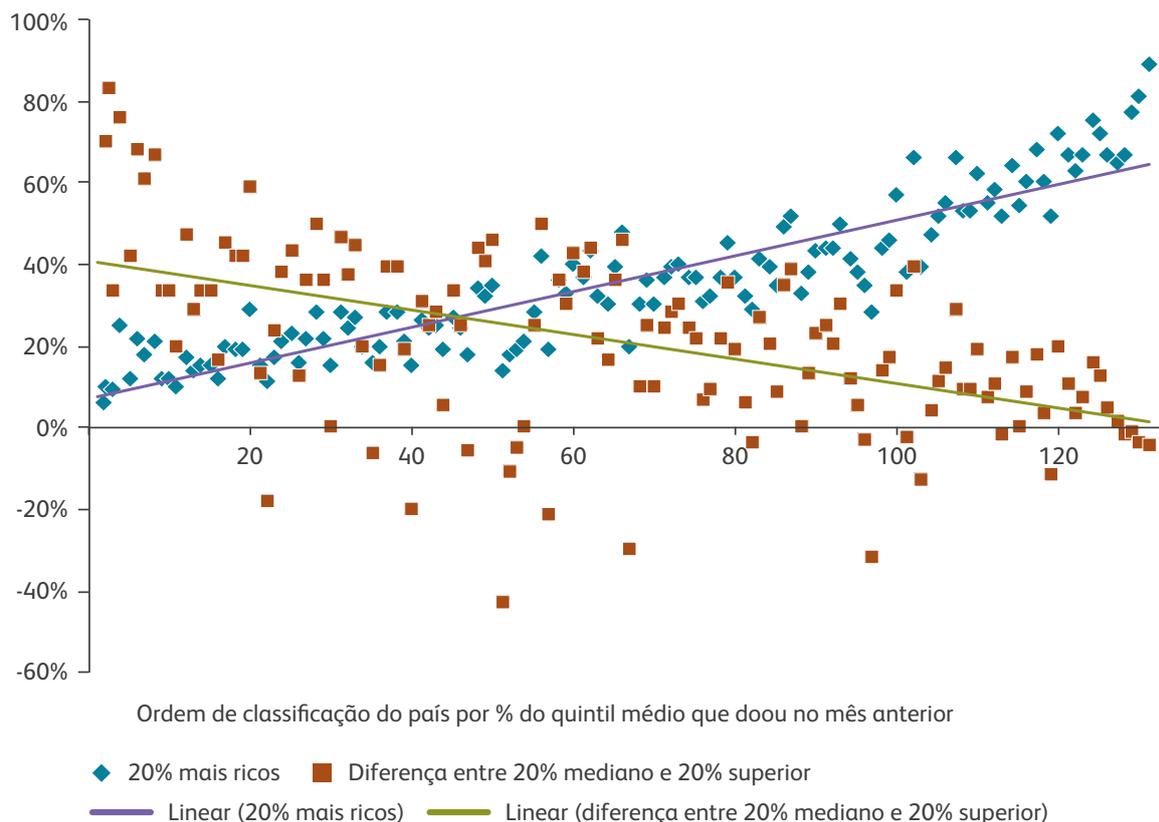


20 O Coutts (2016), "Million Dollar Donors Report 2016" [Online]. Disponível em <http://philanthropy.coutts.com/>

A Fig.6 apresenta os dados de 131 países do 2017 CAF World Giving Index (Índice Mundial de Solidariedade 2017 da CAF) sobre a proporção das pessoas que declararam ter doado dinheiro no mês anterior.²¹ Especificamente, o gráfico mostra uma grande correlação (0,94) entre a propensão a doar das pessoas nos quintis mediano e superior de renda. Embora a correlação seja forte entre todos os grupos de renda, ela é mais fraca entre os quintis superior e inferior (0,83). Naturalmente, não é uma surpresa ver essa correlação, pois embora existam diferenças entre a disposição para doar em todo o espectro de renda em uma determinada nação, a população como um todo vive dentro do mesmo contexto no país, sob as mesmas leis e com as mesmas tradições nacionais. No entanto, este gráfico sugere dois aspectos a se destacar:

1. O contexto local não só desempenha um papel muito importante na probabilidade das pessoas doarem, como também o faz de forma semelhante em todo o espectro de renda.
2. Relativamente, poucos valores atípicos e uma correlação muito forte e significativa sugerem que é questionável o pressuposto de que uma dada iniciativa ou mudança de política poderia ter um impacto isolado na doação de um grupo de renda – pelo menos em termos desses grupos muito amplos.

Fig. 7 – Relação entre a diferença na proporção de ter doado dinheiro no mês anterior entre os quintis médio e superior e a doação no quintil superior.



Ordem de classificação do país por % do quintil médio que doou no mês anterior

21 Charities Aid Foundation (2016), "2016 World Giving Index" [Online]. Disponível em <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2016-publications/caf-world-giving-index-2016>

A Fig. 7 mostra a proporção das pessoas nos 20% superiores da distribuição de renda, em comparação com a diferença entre a sua doação e a dos 20% medianos que doaram. Dessa forma, conseguimos ver, mais claramente, se os países onde os ricos são muito mais propensos a doar do que as pessoas no quintil médio da distribuição de renda, representam sociedades mais ou menos generosas. O gráfico, que pode ser surpreendente para muitos, mostra que quanto maior a liderança dos 20% superiores sobre os 20% medianos em sua propensão a doar, menor é a doação geral de ambos os grupos. De fato, essa correlação relativamente robusta e negativa ($r=-0,21647$ e $p= 0,006$ com uma cauda e $0,013$ com duas caudas) mostra que os países onde os ricos doam mais tendem a ser as nações em que as classes médias têm propensão igual ou maior ainda em doar. É notável que nos três países com maior proporção de pessoas nos 20% superiores da distribuição de renda que doaram no mês anterior (Myanmar 89%, Indonésia 81% e Malta 77%) são países onde o quintil médio ultrapassou o superior (por 4%, 4% e 1%, respectivamente).

Não é possível isolar a causalidade na relação entre a propensão das pessoas nos quintis médio e superior por distribuição de renda. Por um lado, pode ser que os mais ricos promovam a adoção de uma cultura mais ampla de doação somente quando uma parcela significativa desse grupo influente se torna doadora – explicando, assim, a diferença mais extensa entre os grupos de renda nos países com baixos níveis de engajamento na doação. Caso isso seja verdade, significa que, concentrar em incentivar os ricos a se envolverem em filantropia poderia ser uma maneira eficaz de incentivar toda a população. No entanto, existe outra explicação interessante e raramente proposta: que a causalidade, de fato, vai pelo caminho oposto e que, aumentar a doação da classe média representaria uma abordagem muito mais eficaz para impulsionar a cultura geral de doação e incentivar a participação das pessoas mais ricas.

Podemos demonstrar que não há exemplos de nações em que os 20% superiores da distribuição de renda são muito propensos a doar, e aqueles do quintil médio não o são: dos 19 países em que 60% ou mais do quintil superior doaram no mês anterior, nenhum apresentou a doação ficando abaixo de 50% entre as pessoas no quintil médio. Embora se possa concluir que os ricos estão influenciando as pessoas nas classes médias, pode-se igualmente concluir que as classes médias estão criando, por meio de sua doação, uma expectativa social de que com a riqueza vem a responsabilidade de retribuição. Certamente, o fato de não parecer possível motivar altos níveis de generosidade entre os ricos sem alcançar níveis de engajamento semelhantes ou superiores entre os que estão perto da renda mediana, pelo menos sugere que tal explicação possa ser factível.

Quantificando o potencial de doação da classe média

Avaliar o potencial de doação da classe média é certamente difícil, mas importante. Somente ao destacar a dimensão de oportunidades, criando um ambiente propício para envolver os cidadãos comuns na sociedade civil, é que podemos esperar motivar governos, financiadores filantrópicos e empresas a agir. A força financeira da sociedade civil representa apenas parte (e de forma alguma a maior parte) de seus recursos. Ser voluntário, protestar, filiar-se a organizações e sindicatos, expressar seu ponto de vista e participar da mídia cidadã, movimentos de base e iniciativas também são ações importantes. No entanto, é inegável que uma sociedade civil capaz de enfrentar alguns dos problemas mais prementes da sociedade requer apoio financeiro.

Para quantificar o potencial das classes médias globais de financiar a expansão futura da sociedade civil, precisamos apenas pegar as previsões dos gastos da classe média até 2030 no trabalho de Homi Kharas (conforme detalhado abaixo) e avaliar quanto dinheiro poderia ser gerado se a classe média aumentasse a proporção dedicada a doações nesses gastos. Para ilustrar esse potencial, podemos usar a doação como proporção do PIB em vários outros países como referência (embora não seja uma aproximação perfeita para os gastos da classe média).

Tabela 2 – Valor potencial anual para a doação da classe média global se a proporção da renda doada corresponder à observada atualmente nas nações (PPP, a preços constantes de 2011 em US\$ bilhões e participação)

	Doação como proporção do PIB (%)	Doação total da classe média em 2030 mantendo a proporção (US\$ bilhões)
Estados Unidos	1,44%	919
Nova Zelândia	0,79%	504
Canadá	0,77%	492
Reino Unido	0,54%	345
República da Coreia	0,50%	319
Singapura	0,39%	249
Índia	0,37%	236
Federação Russa	0,34%	217
Itália	0,30%	192
Holanda	0,30%	192
Austrália	0,23%	147
Irlanda	0,22%	140
Alemanha	0,17%	109
Suécia	0,16%	102
Áustria	0,14%	89
Finlândia	0,13%	83
Japão	0,12%	77
França	0,11%	70
Noruega	0,11%	70
Suíça	0,09%	57
Espanha	0,05%	32
República Tcheca	0,04%	26
México	0,03%	19
China	0,03%	19

Conforme mostra a Tabela 2, se as classes médias ampliadas de 2030 doassem na mesma medida que os EUA doam como proporção do PIB (1,44%), gerariam US\$ 919 bilhões. Esse valor seria maior do que o PIB total da Turquia (US\$ 857 bilhões), Holanda (US\$ 771 bilhões) ou Arábia Saudita (US\$ 646 bilhões) em 2016, de acordo com o Banco Mundial.²² Sem dúvida, estabelecer essa meta para as economias emergentes seria extremamente ambicioso, mas há sinais de que o crescimento das classes médias em tais países já esteja gerando milhões de novos doadores. Por exemplo, de acordo com o 2016 *CAF World Giving Index* (*Índice Mundial de Solidariedade 2016 da CAF*), embora a proporção de pessoas doando dinheiro para organizações sociais tenha aumentado apenas 0,3% em geral, a proporção de pessoas doando em economias emergentes cresceu 2,1 pontos percentuais em 2015, depois de crescer 11 pontos percentuais em 2014.

Adotando referências mais conservadoras, as doações da classe média nos níveis do Reino Unido (0,54%) ainda renderiam US\$ 345 bilhões por ano, o que representa mais do que o dobro dos US\$ 147 bilhões doados em *Official Development Assistance ODA* (Assistência Oficial ao Desenvolvimento) por todos os 35 membros da OCDE.²³ Embora sejam claramente ambiciosos, tais objetivos podem muito bem ser alcançados. A Índia já atinge, com doações, um valor equivalente a 0,37% do PIB. Dado o crescimento esperado no poder de gastos de sua classe média e assumindo que essas pessoas doem em um nível semelhante, as doações da classe média podem muito bem atingir US\$ 40 bilhões, mesmo sem esforço adicional para motivar o aumento de doação.²⁴ No entanto, é evidente que para atingir essa referência em termos mundiais, grandes mudanças devem ser implementadas para incentivar o envolvimento em massa em doações pelas nova classe média chinesa e outras economias em expansão com níveis de doação igualmente baixos.

22 Banco Mundial (2017), "Banco de dados de Indicadores de Desenvolvimento Mundial" [Online]. Acessado em 25 de julho de 2017. Disponível em <http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>

23 OCDE (2017) "Development aid rises again in 2016 but flows to poorest countries dip". [Online]. Acessado em 25 de julho de 2017; Disponível em <http://www.oecd.org/dac/development-aid-rises-again-in-2016-but-flows-to-poorest-countries-dip.htm>

24 Potencial de doação da classe média indiana com base em projeções de consumo previsto da classe média (em Kharas, M (2017), em vez dos gastos.

A necessidade urgente de impulsionar uma cultura de doação

Acabamos de avaliar o potencial de doação da classe média em fornecer novos e significativos recursos para a sociedade civil. Embora a maioria das pessoas concorde, intuitivamente, que esse resultado positivo seria desejável, é preciso convencê-las de que isso é crucial, especialmente nas economias de renda média em rápido crescimento, onde grande parte da nova riqueza da classe média está sendo gerada. Assim, a questão da criação de um ambiente que permita o envolvimento em massa na doação pode ser considerada como a resposta necessária a cinco desafios fundamentais para a sociedade civil:

1. O contrato social debilitado

As economias emergentes geralmente gastam proporções significativamente menores do PIB em bem-estar social do que economias avançadas, permitindo competitividade e crescimento rápido. Entretanto, à medida que essas economias amadurecem, torna-se necessário assegurar que as pessoas tenham os serviços que precisam para manter ganhos de produtividade a fim de estimular um maior desenvolvimento.

Durante suas jornadas rumo à prosperidade, quase todas as economias desenvolvidas passaram pelo amadurecimento da proteção do Estado. As nações do norte e oeste da Europa geralmente observam alguns dos mais altos níveis de gastos em bem-estar social, pois suas economias amadureceram há mais de um século. Embora economias que se desenvolveram mais tarde, mas também avançadas, como o Japão, os Estados Unidos e a Austrália, geralmente tenham gastos menores em assistência social como proporção do PIB, elas vivenciaram uma enorme expansão do Estado ao longo dos últimos 50 anos. Seguindo essa tendência, países desenvolvidos mais recentemente estão passando por aumentos rápidos nos gastos com bem-estar social. A proporção desses gastos no México e na Turquia duplicou nos últimos 25 anos e quadruplicou na Coreia, em linha com o notável progresso econômico ao longo desse período.²⁵

Apesar dessa relação de longa data entre o crescimento econômico e os gastos com o bem-estar social, o aumento da concorrência por negócios e investimentos em uma economia globalizada fez com que os governos se tornassem mais relutantes em cobrar impostos compatíveis com a necessidade de promover a proteção social de empresas em regiões em desenvolvimento. Um exemplo são pensões e cuidados com a terceira idade, em conformidade com o aumento da expectativa de vida e com a desaceleração das taxas de natalidade. Globalmente, a tributação das empresas caiu mais de 3 pontos percentuais, passando de 29,4% em 2003 para 24,3% em 2017, enquanto o imposto sobre o rendimento das pessoas físicas permaneceu relativamente estável.²⁶

Para alguns, essa quebra do vínculo entre o desenvolvimento e a crescente influência e tamanho do Estado é considerada positiva, com a tributação baixa fomentando a concorrência e protegendo contra a excessiva concentração do poder. Sob esse ponto de vista, um Estado menor pode ser complementado por uma sociedade civil mais aberta e influente, alimentada pelo florescimento de doações e da filantropia. No entanto, embora tal resultado possa ser desejável – e os Estados Unidos, com sua cobertura de proteção social relativamente limitada e liderança mundial no setor de filantropia, possam ser oferecidos como um exemplo –, está longe de ser claro que a filantropia privada necessariamente bem-sucedida preenchendo as lacunas deixadas pelo Estado.

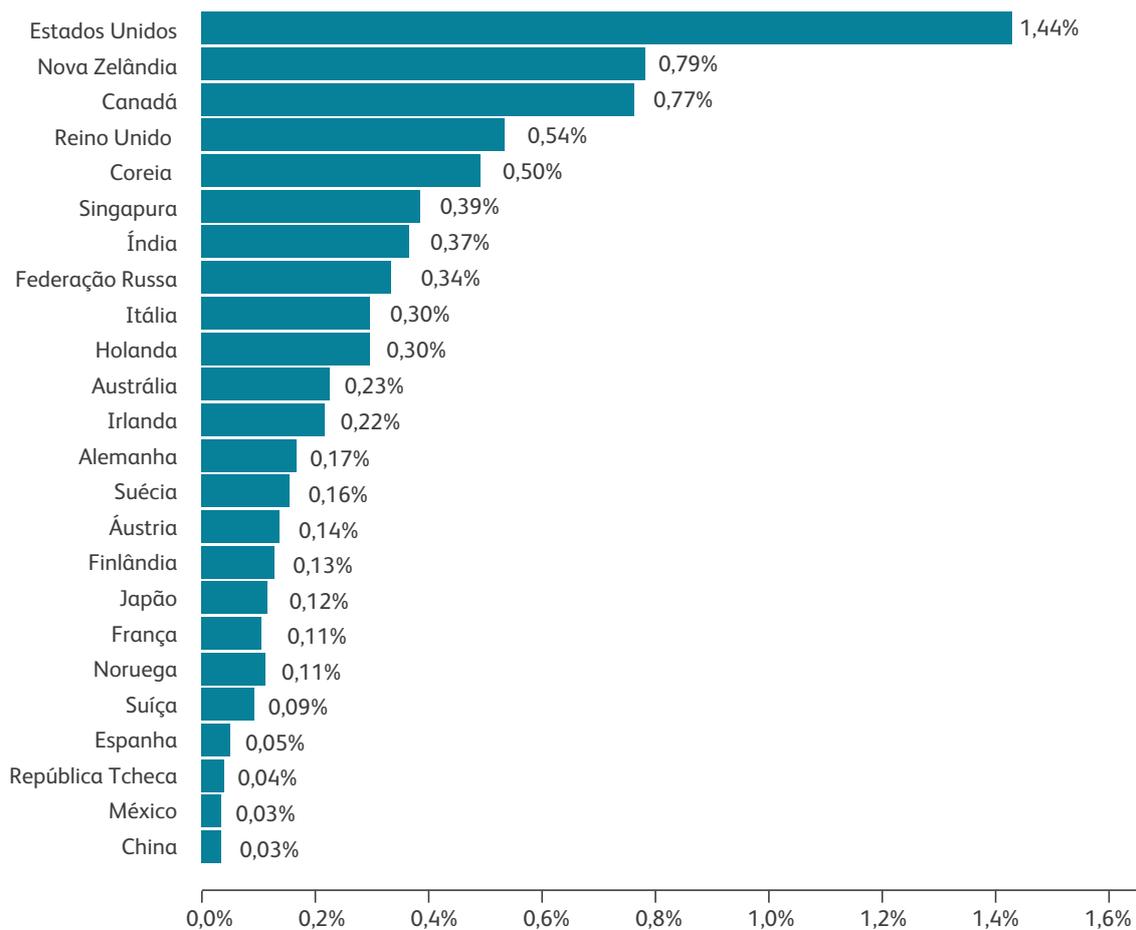
O *Gross Domestic Philanthropy* (Filantropia Interna Bruta), um relatório da CAF sobre o vínculo entre gastos do Estado e doações, não encontra correlação alguma entre gastos governamentais, o imposto de renda de pessoas físicas ou a tributação de empresas e a proporção do PIB gasto por indivíduos, em uma amostra de países representando mais da metade da população mundial e 75% da economia global.²⁷

25 OCDE (2016) Atualização dos gastos sociais de 2016: os gastos sociais permanecem em níveis historicamente elevados em muitos países da OCDE.

26 KPMG (2017), "Corporate tax rates table" [Online]. Acessado em 22 de junho de 2017.
Disponível em <https://home.kpmg.com/xx/en/home/services/tax/tax-tools-and-resources/tax-rates-online/corporate-tax-rates-table.html>

27 <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2016-publications/gross-domestic-philanthropy>

Fig. 8 – Doações em alguns países selecionados como uma proporção do PIB



Fonte: Gross Domestic Philanthropy: uma análise internacional do PIB, impostos e doação

Considerando que as economias emergentes estão limitando a tributação para tornarem-se mais atraentes aos investimentos, em um mercado global cada vez mais competitivo, é claro que a filantropia e a sociedade civil terão de desempenhar um papel importante no aumento da provisão de bem-estar. O fato de podermos demonstrar que tal crescimento na doação filantrópica não é, de forma alguma, espontâneo, significa que devemos agir agora para assegurar que as economias emergentes criem um ambiente favorável para que a filantropia e a sociedade civil prosperem.

2. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

De fato, há cada vez mais um consenso global de que a filantropia precisará desempenhar um papel fundamental se o mundo quiser cumprir suas promessas coletivas, conforme estabelecido nos ODS. O acordo de financiamento dos ODS expandiu-se para a responsabilidade pelo cumprimento, e também financiamento dos objetivos para outros setores, incluindo a filantropia, ao reconhecer a “flexibilidade e capacidade de inovação e de assumir riscos dos doadores filantrópicos e sua capacidade de levantar recursos adicionais através de parcerias com múltiplos stakeholders.”²⁸ No entanto, para gerar uma contribuição significativa ao US\$ 1,4 trilhão que se estima ser necessário²⁹, o mundo precisará agir agora para criar um ambiente favorável ao avanço da cultura de doação. Isso, enquanto também ajuda a gerar “sociedades pacíficas e inclusivas” e a “construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas” através do crescente engajamento local na sociedade civil.

28 Nações Unidas (2015). Resolução adotada pela Assembleia Geral em 25 de setembro de 2015. Addis Abbaba. Sétima reunião, pontos 15 e 116 da ordem do dia.

29 Schmidt-Traub, G. (2015). “Investment Needs to Achieve the Sustainable Development Goals”. Sustainable Development Solutions Network. SDSN Documento de Trabalho. Versão 2.

Além da quantidade de recursos que a filantropia deve dispor caso se queira financiar o cumprimento dos ODS, o desenvolvimento de uma forte cultura doméstica de doação e o engajamento em massa na sociedade civil devem ser vistos, não apenas como um sistema vital de responsabilização pelo cumprimento dos objetivos, mas como forma de envolver as comunidades no processo e também como um resultado por si só. Ou seja: uma sociedade civil vibrante e pluralista, dotada de recursos advindos da generosidade e engajamento do público, não é apenas parte integrante do cumprimento do Objetivo 17 (“Revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável”), mas também de outros objetivos e, em especial, do Objetivo 16 (“Promover sociedades justas, pacíficas e inclusivas”).³⁰

3. *A mudança do caráter do financiamento*

O aumento das contribuições para ajudar a cumprir as promessas dos ODS será especialmente importante em países de renda média.³¹ Embora as contribuições governamentais para a Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD) estejam em um nível histórico, os países do Comitê de Assistência para Desastres (DAC, da sigla em inglês) comprometeram somente um auxílio equivalente a 0,32% da Renda Nacional Bruta (RNB) em ajuda aos países em desenvolvimento em 2016.³² Com os apelos crescentes pelo aumento dessa ajuda aos países mais pobres do mundo, e com a AOD provavelmente passando de economias de renda média para economias de baixa renda nos próximos anos, é provável que a sociedade civil enfrente um déficit significativo.

Além disso, é cada vez mais aceita a premissa de que, para o desenvolvimento ser alcançado, precisaremos fazer mais para garantir a criação de organizações locais fortes, dinâmicas e resilientes. Não existe muita disponibilidade de dados sobre isso, mas de acordo com a CIVICUS, dos US\$ 166 bilhões gastos em AOD pelos países da OCDE-DAC em 2013, apenas 13%, ou US\$ 21 bilhões, foram para a sociedade civil. Mesmo esse retrato esconde o problema real para as organizações dos países do Sul, que são muitas vezes beneficiárias apenas de doações de ONGs internacionais maiores (OINGs). De fato, estimativas de 2011 sugerem que organizações de países do Sul receberam apenas 1% da AOD diretamente.³³ Dada a volatilidade nos orçamentos de assistência, a ineficiência da redistribuição das concessões, o aumento das barreiras legais para OINGs em alguns países e a queda da confiança nas instituições em todo o mundo, é fundamental o desenvolvimento de recursos dentro do país para organizações nacionais da sociedade civil que possam, então, ser direcionadas a responder às necessidades locais.

4. *O fechamento do espaço para a sociedade civil*

A segunda metade do século XX assistiu a vertiginosa aceleração da sociedade civil através das fronteiras e em novos mercados. À medida que se espalhava a democracia, o mesmo ocorria com a cultura de doação. No entanto, com o advento da internet e a disseminação de ideias de direitos e liberdades, o poder do engajamento em massa do público na sociedade civil para enfrentar os que impedem o progresso levou cada vez mais a uma reação contra a sociedade civil.

De acordo com dados do International Center for Not-for-profit Law, entre 2004 e 2010, mais de cinquenta países consideraram ou promulgaram medidas para restringir a sociedade civil. Essa tendência, conhecida agora como “fechamento” ou “encolhimento do espaço para a sociedade civil”, foi acelerada e globalizada entre 2012 e 2015, com “mais de noventa leis restringindo a liberdade de associação ou reunião [tendo] sido propostas ou promulgadas”. Esse ritmo só diminuiu nos últimos tempos porque já há uma maior restrição da liberdade.³⁴

30 Nações Unidas (2015), Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Resolução adotada pela Assembleia Geral em 25 de setembro de 2015. Sétima reunião, Pontos 15 e 116 da pauta do dia

31 Os rendimentos médios (média-baixa e média-alta) são classificações de desenvolvimento econômico conforme definido pelo Banco Mundial em: “World Bank Country and Lending Groups: Country Classification” (2017) Banco Mundial [Online]. Recuperado em 26 de julho de 2017. Disponível em: <https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519-world-bank-country-and-lending-groups>

32 OCDE (2017) O auxílio ao desenvolvimento aumenta novamente em 2016, mas flui para países mais pobres [Online]. Acessado em 25 de julho de 2017; Disponível em: <http://www.oecd.org/dac/development-aid-rises-again-in-2016-but-flows-to-poorest-countries-dip.htm>

33 CIVICUS (2015), “State of Civil Society Report” [Online]. Acessado em 27 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.civicus.org/images/StateOfCivilSocietyFullReport2015.pdf>

34 Rutzen, D. (2015), “Aid Barriers and the Rise of Philanthropic Protectionism”, *International Journal of Not-for-Profit Law* / vol. 17, no. 1

Os governos deveriam reconhecer o valor de uma sociedade civil independente e implementar as recomendações do relatório da CAF *Enabling an Independent Not-for-profit Sector (Possibilitando um Setor Sem Fins Lucrativos Independente)*, e é vital que as instituições e governos globais façam mais para enfrentar as nações que minam os direitos de liberdade e associação e que restringem a sociedade civil. Mas também devemos nos concentrar em garantir que a sociedade civil tenha sempre o apoio suficiente para impedir sua supressão. Não é por acaso que as leis que restringem os direitos da sociedade civil são mais frequentemente derrotadas (e menos propensas a serem encaminhadas ao Legislativo) em países onde os doadores são generosos e se engajam com as OSCs. Para defender a sociedade civil precisamos, antes de tudo, estabelecer um apoio interno para ela.

5. *A crise global de confiança nas instituições*

Estamos enfrentando uma crise global de confiança. De acordo com o Barômetro de Confiança Edelman (*Edelman Trust Barometer*), a confiança específica no governo, nas empresas, na mídia e nas ONGs caiu simultaneamente, enquanto o nível geral de confiança nas instituições caiu em 21 dos 28 países cobertos pela pesquisa.³⁵ Embora as ONGs sejam, em média, consideradas as mais confiáveis dessas quatro formas institucionais, apenas a confiança na mídia caiu mais rápido - e as ONGs são hoje menos confiáveis do que as empresas em 11 dos 28 países.

O recente aumento das políticas populistas e nacionalistas ficou evidente não apenas nas eleições nos EUA e na decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia, mas em todo o planeta. Desde a ascensão de Rodrigo Duterte nas Filipinas até a liderança cada vez mais autoritária de Recep Tayyip Erdoğan na Turquia, estamos assistindo a uma mudança global de atitude que ameaça reverter os ganhos duramente alcançados em termos de pluralismo e tolerância, para cuja obtenção a sociedade civil desempenhou um papel tão importante. No centro dessa tendência está a desconfiança nas elites e instituições por parte do público; e a sociedade civil deve enfrentar tanto as causas quanto os sintomas.

Assim, é fundamental nos envolvermos com uma nova geração de jovens insatisfeitos com a desigualdade e com a percepção – real ou não – de desgoverno e corrupção. O engajamento na sociedade civil oferece às pessoas a oportunidade de enfrentar esses problemas e fornece uma válvula de escape à pressão através da qual elas podem canalizar a discordância social. Também oferece um meio pelo qual a sociedade pode questionar fatores como “*fake news*” e a divisão da sociedade online em “caixas de ressonância” nas quais inverdades prejudiciais podem circular por um público polarizado sem serem contestadas.

35 Edelman (2017), “2017 Edelman Trust Barometer: Global Results” [Online]. Recuperado em 28 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.edelman.com/global-results/>

Recomendações para o crescimento do engajamento em massa para doação às OSCs

Os financiadores internacionais devem:

1. Financiar a expansão e reequipar organizações de infraestrutura

A nossa recomendação geral é a de que os financiadores, governos e outros atores da sociedade civil devem defender o papel e aumentar o financiamento às organizações de infraestrutura, complementando todas as recomendações adicionais.

A criação de um ambiente que incentive o crescimento de uma cultura de doação que, por sua vez, aumente e solidifique o desenvolvimento econômico é uma tarefa que só pode ser realizada com a cooperação dos governos e do setor privado, devido a sua escala e influência. No entanto, a sociedade civil está longe de ser impotente. Além de ganhar confiança e apoio público através de sua atuação efetiva e ágil, a sociedade civil pode se organizar em instituições que forneçam serviços fundamentais para doadores e OSCs, através dos quais o setor possa florescer. A CAF acredita que ao assumir as seguintes atividades, essas “organizações de infraestrutura” podem ajudar a criar as bases para o aumento da doação:

■ Portais de captação de fundos e validação

Pessoas e organizações são mais generosas quando o processo de doação é simples e conveniente, e quando têm confiança no sistema. Ao listar apenas instituições sociais validadas, automatizar os relatórios, integrar-se às mídias sociais e facilitar a doação por dispositivos móveis, os portais de captação de fundos melhoram a experiência do doador. Embora sejam cada vez mais cruciais para motivar doações em países com um mercado filantrópico desenvolvido, tais portais podem ser ainda mais importantes em países que recentemente se tornaram de renda média, onde a confiança nas instituições sociais pode ser baixa, mas o acesso a serviços financeiros através de tecnologia móvel é generalizado.

■ Governança

Se a doação crescer de forma sustentável, os padrões de governança precisarão melhorar para acompanhar as expectativas dos doadores. Assim, organizações que fornecem orientação e educação sobre governança são importantes para manter a confiança no setor.

■ Pesquisa

O *World Giving Index (Índice Mundial de Solidariedade)* da CAF fornece uma visão do engajamento público em atos de generosidade em todo o mundo, mas não substitui dados nacionais abrangentes sobre tendências em doações e tendências mais gerais do setor. O fato de o Índice ser atualmente a única fonte de dados para as taxas de participação em muitos países é um obstáculo ao desenvolvimento de políticas, tanto para o governo quanto para o próprio setor. Há que se prover financiamento para pesquisas nacionais e os resultados devem ser disponibilizados publicamente.

■ Serviços aos doadores

Como qualquer mercado, a filantropia prospera quando as necessidades são atendidas e a experiência do usuário é melhorada por uma variedade de escolhas e serviços personalizados. Isso vale tanto para trabalhadores comuns que doam uma pequena quantia todo mês quanto para grandes doadores ou empresas multinacionais. As OSCs no Reino Unido oferecem uma ampla variedade de serviços aos doadores, muitos dos quais recebem o apoio de um ambiente legal favorável. Por exemplo, a CAF fornece contas e fundos de doação que permitem aos doadores distribuir recursos a partir de um ponto central, sem necessidade de duplicar a carga administrativa. À semelhança de outras organizações, fornecemos serviços de assessoria para ajudar os doadores a planejar as suas doações, assegurando que sejam tão eficazes quanto possível, e auxiliamos doadores e organizações a gerenciar programas de doações. Tais serviços são essenciais para melhorar a experiência do doador e a eficácia de sua doação.

■ Representação

Todos os setores econômicos se beneficiam da capacidade de agrupar seu conhecimento e influência. As entidades representativas e as associações permitem que as OSCs falem como uma voz unida junto ao governo. Isso beneficia as OSCs, pois permite que elas exerçam uma influência maior. No entanto, também beneficia muito o governo. Na tentativa de envolver as OSCs no desenvolvimento de políticas, os governos muitas vezes têm dificuldade para alcançar as organizações menores, que nem sempre têm tempo ou experiência política para fornecer uma visão útil, apesar de seu acesso às comunidades e de sua compreensão dos problemas e serviços que as afetam. Para esse fim, o financiamento da capacitação de organizações que possam representar as OSCs e falar em seu nome poderia melhorar significativamente a comunicação entre os setores e aumentar os níveis de confiança mútua.

■ Padrões

É fundamental que as regulamentações sejam suficientemente robustas para proteger os doadores contra práticas abusivas e, assim, assegurar a reputação do terceiro setor. No entanto, o excesso de regulamentação pode sufocar o crescimento em um setor que necessita ser ágil a fim de responder às necessidades dos beneficiários. Também é verdade que o aumento da burocracia pode ser prejudicial para a “satisfação” que os doadores obtêm com o ato de doar. Além disso, o aumento dos requisitos de *compliance* para as OSCs pode criar uma barreira à entrada daqueles que desejam estabelecer pequenas organizações locais e pode gerar despesas financeiras significativas para outros. Assim, o melhor cenário seria que as OSCs se juntassem, criassem e divulgassem seus próprios padrões e princípios para aumentar a regulamentação.

2. Financiar organizações locais diretamente para melhorar a prestação de contas e a eficiência

Embora grandes organizações ocidentais estejam fazendo um importante trabalho, o fato de se estimar que em 2011 apenas 1% do total de assistência oficial ao desenvolvimento dos governos tenha sido concedido diretamente às OSCs dos países do Sul, sugere a necessidade de se fazer mais para equilibrar o mercado. A proeminência de grandes OSCs internacionais na sociedade civil de muitos mercados emergentes pode gerar a sensação de que a própria sociedade civil institucional seja um conceito estrangeiro. Sem uma abordagem dedicada a ajudar a construir formas locais confiáveis de sociedade civil que já desfrutem do engajamento do público, corremos o risco de afastá-lo. Ao financiar diretamente as OSCs e movimentos locais e assegurar a permissão para que os habitantes locais estabeleçam as prioridades, estamos garantindo não apenas a construção da confiança e engajamento futuro na sociedade civil, mas também o aumento da eficiência. “Entramos em uma era em que as parcerias globais são mais eficazes quando criam um ambiente que permite ao público, em geral, contribuir para a solução dos problemas. As parcerias que inspiram movimentos de centenas de milhares de pessoas defendendo, educando e angariando fundos para um objetivo final constituem a nova receita para soluções sustentáveis.”³⁶

3. Reconhecer a importância de ajudar as instituições locais a construir um apoio interno sustentável e financiá-las adequadamente

Além de financiar OSCs dirigidas e geridas pela comunidade local, os financiadores devem considerar a destinação de fundos para utilização no desenvolvimento de apoio e engajamento com a comunidade local. Isso deve ir muito além do que apenas ajudar a garantir que os beneficiários sejam representados, e deve ter como objetivo o desenvolvimento de uma base de apoio que assegure que a organização continue crescendo e prosperando por um longo tempo após o término do financiamento. Tal financiamento deve ser encarado como algo que ajude a garantir a resiliência da organização contra os estresses não apenas financeiros, mas também políticos. Muitos estão agora reconhecendo que a melhor defesa contra tentativas de fechar o espaço para as vozes críticas na sociedade civil é a construção de uma ampla base de apoiadores.

36 Gore, E e Ford, K. (2012), “Joe Public: The Most Important Partner in International Philanthropy”, *Georgetown Journal of International Affairs*, Verão/Outono 2012, págs.31-37.

Os governos devem:

4. Garantir que as organizações da sociedade civil sejam regulamentadas de maneira justa, consistente e clara

As OSCs não estão imunes a tendência atual de queda da confiança nas instituições. É fundamental que essa tendência seja não apenas diminuída, mas revertida, se quisermos garantir que bilhões de pessoas que entrarão nas classes médias na próxima geração possam desfrutar dos benefícios de se engajar e fazer doações para uma sociedade civil vibrante e eficaz. No entanto, em linha com os resultados de nosso relatório *Building Trust in Charitable Giving (Construindo a Confiança em Doações)*, pedimos aos governos que não tentem fabricar a confiança através de políticas impositivas, e sim que criem um ambiente no qual as OSCs possam conquistar a confiança dos futuros doadores.³⁷

Embora o relatório faça muitas recomendações, existem algumas áreas cruciais em que os governos devem se concentrar. Em primeiro lugar, permitir uma ampla gama de causas de benefício público nas quais as organizações assistenciais possam (mas não sejam obrigadas) se registrar, pode ajudar as OSCs a se diferenciarem de outras formas institucionais. Ao receber benefícios fiscais e status legal oficial em troca da apresentação de informações sobre atividades e finanças que sejam adequadas, e não excessivamente onerosas, as OSCs podem transmitir sua confiabilidade ao público. No entanto, é fundamental que o processo de registro e recebimento do status seja aberto a todos e que seja transparente. Por último, uma regulamentação justa, aberta e consistente pode ajudar a melhorar os padrões no setor e minimizar a percepção de risco dos doadores. Garantir que os reguladores atuem de forma independente e no interesse dos doadores e das OSCs é, portanto, crucial.

5. Facilitar a doação individual e oferecer incentivos à doação onde for possível

Os incentivos fiscais têm demonstrado ser uma influência positiva tanto no valor quanto na frequência das doações em todo o mundo. A meta-análise de 138 estudos, totalizando uma amostra combinada de mais de 1,4 milhão de pessoas, constatou que a elasticidade-preço ponderada (capacidade de resposta dos doadores aos incentivos) para doações (nos Estados Unidos, pelo menos) foi de -1,11. Isso, efetivamente, significa que adicionar 1% extra no valor dos incentivos oferecidos resultaria em um aumento no tamanho da doação de 1,11%.³⁸ Além disso, um relatório produzido pela CAF em conjunto com a Nexus e a McDermott Will & Emory, analisando incentivos fiscais em 193 países, constatou que as pessoas em países que ofereciam incentivos fiscais para a doação eram 12 pontos percentuais (33%) mais propensas a uma doação no mês anterior do que aquelas em países que não ofereciam incentivos (21%). Constatamos ainda que incentivos mais generosos geralmente levam a uma resposta maior do doador.³⁹

Embora o fato de não ser oferecido incentivo algum para doadores individuais em 34% dos países deva constituir em uma preocupação primordial para governos, buscando incentivar o engajamento em massa na doação, também é crucial garantir que, quando oferecidos, os incentivos sejam concebidos visando à maior eficácia possível. Ao analisar em profundidade os sistemas de incentivos de 26 países-chave, o relatório *Donation States: An international comparison of the tax treatment of donations (Países com Doação: uma comparação internacional do tratamento fiscal de doações)* de 2016 identificou uma série de recomendações que acreditamos que os governos deveriam procurar atender.⁴⁰ Essencialmente, constatamos que além de garantir que os incentivos sejam generosos, os governos devem assegurar que sejam fáceis de reivindicar, igualmente disponíveis para todas as causas socioambientais e de simples compreensão, para garantir que pessoas de todos os estilos de vida sejam incentivadas a doar para a maior variedade possível de boas causas.

37 Pickering, A (2014), "Future World Giving: Building Trust in Charitable Giving". Charities Aid Foundation

38 Pelozo, J. & Steel, P. (2006), "The Price Elasticity of Charitable Contributions: A Meta-Analysis". *Journal of Public Policy & Marketing*, Vol. 24, No. 2 págs. 260-373.

39 Quick, E. Kruse, T. A., Pickering, A. (2014), "Rules to Give By: A Global Philanthropy Legal Environment Index". Nexus, McDermott, Will & Emery e Charities Aid Foundation (CAF).

40 Pickering, A (2016), "Donation States: An international comparison of the tax treatment of donations". Charities Aid Foundation.

Disponível em: <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2016-publications/donation-states-an-international-comparison-of-the-tax-treatment-of-donations>

6. Promover a sociedade civil como uma voz independente na vida pública e respeitar o direito das organizações da sociedade civil de falar sobre questões importantes

Os governos devem reconhecer que permitir que as OSCs critiquem e influenciem a política acrescenta legitimidade ao Estado, incentiva melhorias nos padrões de governança e transforma o conflito cívico e a discórdia em um debate público construtivo. De fato, o mundo concordou em priorizar a promoção de sociedades justas, pacíficas e inclusivas e, especificamente, o desenvolvimento de instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis (meta 16.6), garantindo a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis (16.7) como parte dos ODS - e a sociedade civil deve, necessariamente, ter um papel para que isso seja alcançado.⁴¹

Embora os programas de sensibilização e as campanhas das OSCs sejam cruciais e devam ser protegidas, também é verdade que tais atividades devem ser cobertas por regras a fim de impedir que o setor seja utilizado por pessoas com interesses escusos ao fazer lobby para seu próprio ganho ou em nome de um candidato ou partido político. O relatório *Enabling an Independent Not-for-profit Sector (Possibilitando um Setor Sem Fins Lucrativos Independente)* apresenta uma série de recomendações claras que estabelecem um equilíbrio entre capacitar as OSCs a falar e protege-las contra abusos.⁴²

As organizações da sociedade civil devem:

7. Garantir a boa governança e serem honestas sobre o impacto que provocam para construir a confiança pública

A sociedade civil não pode depender dos outros para criar um ambiente em que mais pessoas se envolvam em doações - ela deve liderar pelo exemplo. Para desafiar as narrativas negativas sobre a falta de governança e os programas ineficazes, as OSCs devem demonstrar ativamente que tais alegações são falsas sendo transparentes sobre seus sucessos e fracassos, e mostrando que podem aprender com ambos.

O desenvolvimento de boas práticas de governança e a demonstração do impacto podem representar barreiras significativas às organizações e, se atingirem grande parte do setor, podem conter a construção da confiança nas OSCs em geral. Isso ocorre porque muitas organizações carecem de recursos financeiros para pagar o treinamento de conselheiros e funcionários ou de tempo para medir e apresentar relatórios de impacto. Infelizmente, sem melhorias nessas áreas, as organizações não conseguem ter acesso a recursos, do mesmo modo as expectativas dos doadores sobre governança e impacto não são atendidas. Assim, é necessário disponibilizar mais fundos e oferecer mais serviços que possam ajudar as OSCs a enfrentar esse problema.

8. Envolver significativamente as comunidades locais na tomada de decisão para que elas detenham o controle sobre a sociedade civil

O financiamento para o bem social em algumas das nações mais pobres do mundo inevitavelmente depende fortemente de doadores estrangeiros. Independentemente do trabalho de campo ser conduzido por OINGs ou por OSCs locais, existe o perigo de que a prestação de contas flua para cima, para a fonte de financiamento. Com previsão de grande crescimento no longo prazo para muitas economias em desenvolvimento, os governos deveriam cobrar das OINGs até que ponto estão envolvendo os beneficiários – que podem um dia se tornar eles próprios doadores – na sociedade civil. Todas as OSCs são incentivadas a envolver os beneficiários no auxílio à mensuração dos impactos e a identificar melhorias na prestação de serviços. No entanto, os financiadores devem pensar nesse engajamento local como tendo um papel ainda mais importante: construir a confiança e o interesse na sociedade civil e na doação e consolidar a percepção de que a sociedade civil é dirigida e pertence à comunidade local.

As vantagens desse engajamento estão bem documentadas, com a tomada de decisão participativa estando associada não apenas a uma sensação maior de confiança e legitimidade, mas também

41 Nações Unidas (2015) Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Resolução adotada pela Assembleia Geral em 25 de setembro de 2015. Sétima reunião, Pontos 15 e 116 da pauta do dia.

42 Pickering, A (2014), "Future World Giving: Enabling an Independent Not-for-profit Sector". Charities Aid Foundation

a melhores resultados para os programas.⁴³ Os financiadores podem pensar em modelos diferentes de engajamento local, variando desde programas simples de divulgação até sistemas avançados de tomada de decisão participativa que permitem que as prioridades locais alimentem aparatos maiores de planejamento. De fato, os financiadores poderiam aproveitar soluções locais para o engajamento, como o sistema Panchayat, na Índia.

9. Reconhecer e se basear em formas tradicionais de doação para criar organizações e uma cultura de doação que trabalhem para valorizar os pontos fortes do contexto local

O *World Giving Index* (*Índice Mundial de Solidariedade*) da CAF tem mostrado consistentemente que o desenvolvimento econômico está longe de ser um indicador confiável do nível de engajamento público em doação. De fato, em termos proporcionais de pessoas doando dinheiro para projetos sociais, voluntariando-se ou simplesmente ajudando em média um estranho por mês, a nação mais generosa do mundo é Myanmar, um país de renda média-baixa e com uma história de repressão e conflito.⁴⁴ Em muitos países, nossa tarefa não é a construção de uma cultura de doação, mas sim a de desenvolver instituições dentro da sociedade civil que possam aumentar as formas de sociedade civil já existentes.

Pegue o caso da África do Sul, por exemplo, em que a CAF tem a sorte de possuir uma presença em campo através de seu escritório local. Nossa pesquisa constatou que impressionantes 94% dos entrevistados doaram bens, 85% doaram dinheiro e 56% se voluntariaram para causas sociais nos últimos três meses. No entanto, a pesquisa também constatou que 64% das pessoas que doaram para “organizações”, apenas 16% doaram para ONGs. Surpreendentemente, 37% dos doadores organizacionais contribuíram para grupos de autoajuda e 42% doaram para stokvels (clubes de crédito). Estima-se que metade da população adulta na África do Sul seja membro de uma stokvel e que, juntos, esses clubes representam um valor combinado de 25 bilhões de ZAR, moeda sul-africana, que corresponde a US\$ 2 bilhões. Embora não sendo propriamente de “filantropia”, o serviço que fornece, sem fins lucrativos, aos seus membros – conectando as comunidades, promovendo a solidariedade e oferecendo um setor de serviços financeiros alternativo para aqueles que não são atendidos por bancos privados – certamente gera resultados sociais. Seria possível trabalhar dentro de um contexto local para utilizar esses modelos tradicionais como base para construir e oferecer OSCs confiáveis e sediadas localmente. Esse potencial é realçado no Quênia pelo Akiba Mashinani Trust (AMT), a instituição financeira para a Federação de “Favelados” do Quênia – cujos líderes foram agraciados com o prêmio Olga Alexeeva Memorial em 2013.⁴⁵ Composto por mais de 700 planos de poupança comunitária e alcançando 300.000 pessoas, a instituição consegue utilizar parte do dinheiro de seus membros para investir em projetos maiores, como a construção de casas.

Tomadas em conjunto, essas recomendações representam as bases para o crescimento da doação que, se implementadas, podem ajudar a proporcionar à sociedade civil a capacidade e os recursos necessários para oferecer um desenvolvimento sustentável que funcione para todos.

43 Page, S. E. (2008), *The Difference: How the Power of Diversity Creates Better Groups, Firms, Schools, and Societies* (Nova Edição). Princeton University Press

44 Charities Aid Foundation (2016), “2016 World Giving Index” [Online]. Disponível em <https://www.cafonline.org/about-us/publications/2016-publications/caf-world-giving-index-2016>

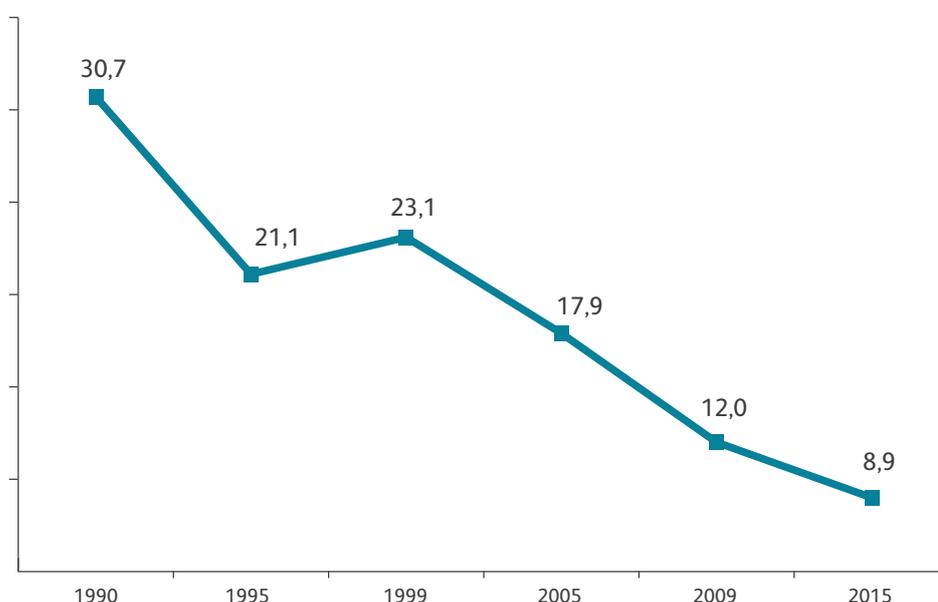
45 O Prêmio Olga Alexeeva Memorial é concedido pela Alliance Magazine para indivíduos que demonstraram liderança, criatividade e resultados notáveis no desenvolvimento da filantropia para mudanças sociais progressivas em um país ou países de mercados emergentes. As informações podem ser encontradas em: <http://www.alliancemagazine.org/olga-alexeeva-memorial-prize/>

Um olhar sobre a realidade brasileira

Os brasileiros vivenciaram uma notável história econômica na geração passada. Tendo estagnado durante a turbulenta transição para a Democracia, em 1985, a economia brasileira experimentou uma expansão consistente na primeira década do milênio – com o PIB avançando em média 3,4% ao ano entre 1999 e 2008. Muito dependente dos preços das *commodities*, a economia entrou em uma fase de volatilidade entre 2009 e 2013, em linha com o mercado global, mas o crescimento médio nesse intervalo ainda se manteve acima de 3% ao ano.⁴⁶ Com um período de avanço tão prolongado, o Brasil se viu incluído em um grupo de grandes economias emergentes, cada vez maiores e mais importantes, conhecido como “BRIC” e, mais recentemente, “BRICS” (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).⁴⁷ Essa evolução teve um efeito relevante e transformador sobre a vida de muitos brasileiros.

Em todo o Brasil, o número de pessoas vivendo em condições de pobreza caiu drasticamente (ver Figura 9) nos últimos 20 anos. Isso pode ser amplamente atribuído aos programas sociais de grande escala que foram estabelecidos na década de 1990. Em 1995 foi lançado o primeiro programa de transferência condicional de renda (Programa Bolsa Escola), voltado para crianças de famílias pobres, com idade entre 7 e 14 anos. Essa “rede de segurança direcionada”⁴⁸ pretendia aliviar a pobreza, fornecendo dinheiro às famílias em troca de uma maior frequência na escola e em serviços de saúde. Assim, o programa pagava um salário mínimo para as famílias desde que os filhos alcançassem 90% de presença na escola. Ao se concentrar nas crianças, esperava-se que o acúmulo de capital humano ajudasse a “quebrar a transmissão da pobreza entre gerações”.⁴⁹

Fig. 9 - Nº de pessoas vivendo com menos de US\$ 1,90 por dia (milhões)



Fonte: Banco Mundial

Esses projetos locais foram a inspiração para o Bolsa Família, um programa nacional de transferência condicional de renda implementado em 2003. O Bolsa Família é o resultado de uma junção de programas de assistência social já implantados por todo o Brasil (bolsas educacionais para aumentar a frequência escolar, suplemento alimentar, nutrição materna e subsídios ao gás doméstico). Desde

46 República Federativa do Brasil (2017) ipeadata [Online] Consultado em 26 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>

47 O' Neill, J (2001), "Building Better Global Economic BRICs", Goldman Sachs.

48 Hall, A. (2006), "From Fome Zero to Bolsa Família: Social Policies and Poverty Alleviation under Lula", *Journal of Latin American Studies*. Volume 38. No. 4. <http://www.jstor.org/stable/pdf/4491737.pdf?refreqid=excelsior%3A1bb5b08edb62d420f32f55284aaf1eaf>

49 Hall, A. (2006), "From Fome Zero to Bolsa Família: Social Policies and Poverty Alleviation under Lula", *Journal of Latin American Studies*. Volume 38. No. 4. <http://www.jstor.org/stable/pdf/4491737.pdf?refreqid=excelsior%3A1bb5b08edb62d420f32f55284aaf1eaf>

2004, o Programa foi fundamental para que mais de 28 milhões de pessoas escapassem da pobreza⁵⁰, representando uma queda de 58%. Além disso, inspirado pelo Objetivo de Desenvolvimento do Milênio de reduzir à metade o número dos que padecem de fome e pobreza, foi criado o programa Fome Zero em 2003. O Fome Zero tem semelhanças com o Bolsa Família, mas procurou se concentrar na superação da insegurança alimentar e nutricional da parcela mais pobre da população brasileira, juntamente com o fortalecimento da agricultura familiar e o incentivo à mobilização social. Apesar de ter recebido duras críticas direcionadas ao processo de implementação, nos três primeiros anos o Fome Zero contribuiu para reduzir em 5 milhões o número de pessoas subnutridas.⁵¹

O resultado desses programas foi um rápido crescimento na proporção de brasileiros que poderiam ser definidos como pertencentes à classe média. De fato, segundo algumas avaliações, estima-se que 35 milhões de pessoas entraram para a classe média no Brasil entre 2003 e 2009,⁵² e até 50 milhões entre 2005 e 2015.⁵³

No entanto, uma crise econômica ameaça reverter todos esses ganhos. A economia brasileira tem se mostrado frágil desde 2013, quando os preços das *commodities* caíram e a dívida dos consumidores começou a atingir níveis insustentáveis. Desde então, o declínio tornou-se uma crise, com o PIB do Brasil contraindo 3,8% em 2015; a inflação atingindo em janeiro de 2016 o maior valor em doze anos (10,71%); e a moeda do país se desvalorizando frente ao Dólar: de R\$ 2,5 em 2013, para R\$ 4,25 em Setembro de 2015.⁵⁴

Essa crise econômica gerou temores de que ganhos duramente conquistados pelos brasileiros mais pobres pudessem ser perdidos. De fato, Kharas, que fornece as projeções nas quais se baseia a nossa pesquisa sobre o potencial de doação da classe média, prevê uma estagnação nos gastos da classe média no Brasil em US\$ 1,2 trilhão de 2015 a 2020 (ajustado a preços constantes em dólar de 2011). Kharas estima que esse valor somente aumentará para US\$ 1,3 trilhão em 2030.⁵⁵

Pesquisa do Banco Mundial mostra que jovens com qualificação, vivendo em cidades, são os que mais provavelmente correm o risco de cair na pobreza, devido à redução dos salários e ao aumento do desemprego.⁵⁶ Essa pesquisa destacou a necessidade de ampliar o Bolsa Família para os “novos pobres”, o que exigiria um aumento do orçamento entre R\$ 1,25 bilhão e R\$ 1,82 bilhão.⁵⁷ Naturalmente, uma nova austeridade econômica torna esse aumento improvável.

Vale a pena pensar em como o incentivo à filantropia entre os “super-ricos” brasileiros poderia preencher o hiato de recursos para evitar que mais “novos pobres” do Brasil caiam na miséria. Embora programas de assistência social, como o Bolsa Família, tenham sido bem-sucedidos ao retirar milhares de pessoas da pobreza em todo o Brasil e tenham contribuído para uma queda da desigualdade de 0,57 para 0,52 entre 2004 e 2014, o país ainda está entre os mais desiguais do mundo. Um estudo recente mostrou que os seis brasileiros mais ricos concentram a mesma riqueza que 100 milhões de cidadãos mais pobres.⁵⁸

-
- 50 Margolis, M. (2017), “Brazil’s Narrative of Equality is Oversold”, *Bloomberg View*. [Online] Consultado em 25 de outubro de 2017. Disponível em <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-09-29/brazil-s-narrative-of-equality-is-oversold>
- 51 <http://www.internationaloffice.unicamp.br/wp-content/uploads/2015/02/FOME-ZERO-FAO-RLC-2009.pdf> Dommm, P. (2011), “Growing Middle Class Fuels Brazil’s Economy”. [Online] CNBC, 28 de abril. Disponível em: <https://www.cnbc.com/id/42785493> (consultado em 16 de novembro de 2017).
- 52 Dommm, P. (2011), “Growing Middle Class Fuels Brazil’s Economy”. [Online] CNBC, 28 de abril. Disponível em: <https://www.cnbc.com/id/42785493> (consultado em 16 de novembro de 2017).
- 53 OCDE (2015), “Active with Brazil”
- 54 Kesler, O. (2016), “Rousseff’s Fall and the Rise of Brazil’s Civil Society”. [Online] *The National Interest*, 21 de março. Disponível em: <http://nationalinterest.org/feature/rousseffs-fall-the-rise-brazils-civil-society-15549>
- 55 Kharas, H. (2017), “The unprecedented expansion of the global middle class: an update”. Brookings Institute
- 56 Skoufias, E. Nakamura, S. Mayer Gukovas, R., “Salvaguardas contra a reversão dos ganhos sociais durante a crise econômica no Brasil (Português)”, 2017. Banco Mundial. Consultado em 20 de outubro de 2017. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/pt/469091487328690676/pdf/112896-WP-P157875-PORTUGUESE-PUBLIC-ABSTRACT-SENT-SafeguardingBrazilEnglish.pdf>
- 57 Skoufias, E. Nakamura, S. Mayer Gukovas, R., “Salvaguardas contra a reversão dos ganhos sociais durante a crise econômica no Brasil (Português)”, 2017. Banco Mundial. Consultado em 20 de outubro de 2017. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/pt/469091487328690676/pdf/112896-WP-P157875-PORTUGUESE-PUBLIC-ABSTRACT-SENT-SafeguardingBrazilEnglish.pdf>
- 58 Oxfam Brazil. (2017), “A distância que nos une”. [Online] Consultado em 20 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/file_attachments/relatorio_a_distancia_que_nos_une_170925.pdf

Portanto, é perfeitamente lógico buscar um aumento da filantropia dos cidadãos mais ricos do Brasil. Porém, pode ser que precisemos buscar uma abordagem mais ambiciosa e inclusiva.

Enquanto milhões de brasileiros correm o risco de deixar de pertencer à classe média, muitos ganharam capital suficiente para assegurar que eles e suas famílias fiquem, em grande parte, protegidos dos piores efeitos da recessão. São essas as pessoas que devem ser incentivadas a doar tempo e dinheiro para a sociedade civil a fim de garantir aos outros o mesmo privilégio. Se a classe média brasileira dedicasse apenas 0,5% de seus gastos para atividades de filantropia, isso geraria US\$ 6 bilhões ao ano para boas causas, mesmo no atual clima econômico.

Certamente, para muitos, dedicar até mesmo essa pequena quantia para causas sociais se mostrará impossível. No entanto, o apoio pode não vir, necessariamente, na forma de recursos escassos, como dinheiro ou tempo. Simplesmente afirmar a crença na importância da sociedade civil poderia ajudar a dar a legitimidade necessária e o perfil público exigido para cobrar a responsabilidade dos poderosos e defender o Estado de Direito. Isso, por sua vez, ajudaria a abrandar um dos fatores que travam o desenvolvimento do Brasil.

A confiança dos brasileiros nas instituições políticas tem sido abalada pela corrupção e pelos escândalos, com o país apresentando os menores índices de confiança pública nos políticos, em comparação com as demais nações do mundo.⁵⁹

De acordo com o Barômetro de Confiança Edelman de 2017, 87% dos brasileiros estão preocupados com a corrupção: de longe, o maior “medo” relatado pela população. A população brasileira, em geral, desconfia das instituições. No entanto, as instituições empresariais continuam sendo as mais confiáveis, com 61% da população respondendo que, embora envolvidas em escândalos de corrupção, as empresas representam o “exercício dos direitos das pessoas através de empregos e consumo”.⁶⁰

O Brasil segue a tendência global de diminuição da confiança em ONGs na comparação com a pesquisa Edelman do ano anterior. Entretanto, quando comparado com outras nações pesquisadas, o país está entre os que mais confiam nas ONGs. Com 60% da população tendo confiança em organizações não governamentais, estas se tornam o segundo tipo de instituição mais confiável no Brasil.

Em consonância com esse alto nível de confiança nas ONGs, houve um forte aumento das doações no Brasil ao longo dos últimos anos.⁶¹ O relatório Giving Report 2017 – Brasil da CAF constatou que aproximadamente dois terços dos entrevistados responderam ter doado dinheiro para organizações sem fins lucrativos ou patrocinado alguém, com as causas mais populares sendo organizações religiosas e instituições de apoio às crianças.

O relatório sugere que, para aumentar a cultura de doação no Brasil, as pessoas precisam ter certeza de como o seu dinheiro será utilizado. Mais da metade dos pesquisados disse que isso, juntamente com possuir uma renda disponível mais elevada, faria com que doassem mais. Além disso, acima de um terço afirmou que aumentaria a doação se o setor de organizações sem fins lucrativos fosse mais transparente no Brasil. Portanto, embora tenha havido um aumento na doação no Brasil no último quarto de século, muito trabalho ainda precisa ser feito para aumentar a confiança e criar transparência no setor para assegurar que esse crescimento continue nos próximos anos.

59 Fórum Econômico Mundial. (2017). “Public trust in politicians”. <http://reports.weforum.org/global-competitiveness-index-2017-2018/competitiveness-rankings/#series=EOSQ041>

60 Sarkovas, Y. 2017. “Brazil: In Spite of Everything, Trust in Business”. [Online] Consultado em 18 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.edelman.com/post/brazil-trust-in-business/>

61 Doação Brasil 2017. CAF.

IDIS

Rua Paes Leme, 524, cj 161
Pinheiros
São Paulo/SP
Brasil

T: +55 11 3037-8212
E: comunicacao@idis.org.br
S: www.idis.org.br



Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social

Charities Aid Foundation

25 Kings Hill Avenue
Kings Hill
West Malling
Kent ME19 4TA

T: +44 (0)3000 123 000
E: research@cafonline.org
W: www.cafonline.org

CAF Charities Aid
Foundation